

Crónica do Dia

www.hojeemmocambique.org



Entre pautas e predadores:

A dor de ser Jornalista Mulher



O jornalismo, para muitas mulheres, não é apenas uma profissão. É vocação. É sonho. É resistência. Mas nas redacções moçambicanas, esse sonho tantas vezes começa com um brilho nos olhos e termina com um silêncio pesado. Um silêncio que não se escreve, mas se sente.

Onde os factos se tornam manchetes e as palavras ganham forma, há histórias que nunca chegam ao papel. São sussurradas nos corredores, abafadas por risos nervosos e silêncios cúmplices. Histórias de assédio moral, psicológico e, sobretudo, sexual, que se entranham no quotidiano jornalístico como uma sombra persistente. Uma sombra que não se dissipa com a luz da verdade, porque a verdade, ali, também é silenciada.

É paradoxal. Enquanto se escreve sobre justiça, igualdade e direitos, muitas jornalistas vivem, dentro das próprias redacções, experiências que contradizem tudo aquilo que o jornalismo proclama. O assédio é uma realidade tão presente quanto invisível. Repete-se em silêncio, dia após dia, como uma rotina que ninguém ousa interromper.

O ambiente de uma redacção é, por natureza, intenso. Prazos apertados. Pessoas convencidas e que se acham demais. Chefes que mandam mais do que escutam. Mas é precisamente nesse terreno fértil que o assédio encontra espaço para florescer. Muitas vezes disfarçado de elogio, de "brincadeira", de "prov de resistência", instala-se como parte da cultura organizacional. E quando a vítima é uma jovem repórter, recém-chegada, cheia de sonhos e vulnerabilidades, o desequilíbrio de poder torna-se ainda mais cruel.

Marta Tembe (nome fictício) é formada em jornalismo pela Universidade Eduardo Mondlane. Desde pequena, recortava jornais velhos e fingia que entrevistava vizinhos sobre os mistérios do bairro. Cresceu com o sonho de contar histórias que mudassem vidas. Lutou contra tudo: a falta de dinheiro, o preconceito, a dúvida dos outros. Mas nunca deixou de acreditar.

No primeiro dia de estágio numa redacção nacional, chegou cedo, nervosa, com um caderno novo e o brilho nos olhos de quem acredita que a verdade pode transformar o mundo. Nos primeiros dias, tudo parecia certo. Os colegas eram simpáticos, o ambiente vibrava com ideias, e ela sentia que estava exactamente onde devia estar.

Mas o jornalismo, como ela viria a descobrir, também tem zonas de sombra. Vieram as boleias fora de expediente, os elogios que não tinham nada a ver com o seu trabalho, as mensagens ao fim-de-semana, os convites para "coberturas especiais" em feriados. Vieram os olhares demorados, os toques disfarçados, as insinuações. Quando disse "não", perdeu pautas. Quando se afastou, vieram os sorrisos sarcásticos. E o vazio.

O sonho de Marta não morreu, mas foi empurrado para o fundo da gaveta. Porque, naquela redacção, como em tantas outras, ser mulher significava ter de escolher entre a dignidade e a carreira. E nenhuma jornalista devia ter de fazer essa escolha.

Segundo o relatório da Associação h2n, publicado em 2024, apenas 27% dos jornalistas nas

nas redacções, um aumento em relação a 2022, mas ainda longe de representar equidade. A maioria continua relegada a cargos de menor visibilidade. E o assédio é uma das principais causas de abandono da profissão.

Geninha Ossufo, jornalista da Rádio Esperança, em Lichinga, conta: "Todos os dias era alvo de assédio. As fontes tornaram-se predadores. Já pensei em desistir várias vezes. Quando recebemos elogios que não têm nada a ver com o nosso trabalho, ou piadas machistas, começamos a duvidar se vale a pena continuar."

Artemisa Tivane, do Instituto de Comunicação Social no distrito de Mamdimba, em Niassa, também foi vítima. "Foi constrangedor. Nunca esperei. Mas fiquei firme. Porque comunicar é o meu papel."

Carlos Coelho, jurista que acompanha casos de jornalistas vítimas de assédio, confirma: "Os casos vêm de todos os lados. Colegas. Chefes. E até fontes. O silêncio é o maior aliado do agressor. Tivemos dois casos formais este ano, mas sabemos que há muitos mais que nunca chegam a ser denunciados."

A nova Lei do Trabalho (Lei n.º 13/2023) reconhece o assédio como crime, com penas que podem chegar a dois anos de prisão. Mas nas redacções, essa lei é tratada como uma nota de rodapé. Está lá, mas ninguém lê. E quando alguém tenta aplicá-la, o sistema responde com o velho manual da omissão: "Vamos averiguar." "Não há provas." "Ela está a exagerar."

O assédio não é só o toque indesejado ou a piada de mau gosto. É o ambiente. É o silêncio. É o medo de falar e perder tudo. É o peso de entrar todos os dias num lugar onde se é olhada como corpo antes de ser ouvida como profissional. É o cansaço de ter de provar, todos os dias, que se está ali por mérito e não por favores.

Mas há quem resista. Quem escreva, denuncie, transforme a dor em palavra. Quem se recuse a aceitar que "sempre foi assim". Porque não, não tem de ser assim. Porque o jornalismo que se cala sobre o que acontece dentro de casa perde autoridade para denunciar o que acontece lá fora.

Nenhuma jornalista devia ter de escolher entre a sua dignidade e a sua profissão. Que cada redacção se torne um espaço de respeito, onde o talento floresce sem medo e onde o silêncio não seja imposto, mas superado. A mudança começa com coragem, e a coragem começa com cada um de nós.

É tempo de transformar a indignação em acção. Que jornalistas, editores, gestores e leitores se unam para romper o ciclo de silêncio. Criemos, juntos, redacções seguras, éticas e humanas, onde o jornalismo seja feito com verdade, mas também com justiça.